



AMÉRICA LATINA

Pressão total sobre Cuba

Estados Unidos anunciam sanções financeiras contra o presidente cubano, Miguel Díaz-Canel, e familiares do líder revolucionário Raúl Castro. Entidades ligadas ao regime e à economia da ilha socialista também são alvos de retaliações

» RODRIGO CRAVEIRO

Primeiro, o bloqueio energético e a proibição a petroleiros de atracarem em Cuba. Depois, uma ordem executiva em que Donald Trump exigia de empresas estrangeiras a ruptura com o conglomerado econômico-militar Gaesa, controlado pela família Castro. Agora, os Estados Unidos impuseram sanções contra lideranças e entidades cubanas ligadas ao regime socialista.

O Departamento do Tesouro sancionou o presidente Miguel Díaz-Canel; a sua esposa, Lis Cuesta Peraza; e membros da família do líder histórico revolucionário Raúl Castro: o filho Alejandro Castro Espín e o neto Raúl Alejandro Castro. Manuel Anido Cuesta, filho de Lis Cuesta e enteado de Díaz-Canel, também foi alvo de medidas aplicadas por Washington.

Marco Rubio, secretário de Estado americano, anunciou retaliações a entidades de Cuba: o Ministério das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba (Minfar), o Instituto Cubano de Amizade com os Povos (Icap), a Amistur Cuba S.A., os Comitês para a Defesa da Revolução (CDR) e a Mineradora La Victoria S.A. Os anúncios do governo dos Estados Unidos intensificam a pressão sobre o regime socialista e agravam a crise econômica e humanitária na ilha caribenha, que enfrenta um embargo dos EUA há 64 anos.

"Durante décadas, Cuba tem sido a capital mundial para o terrorismo da esquerda radical. O regime recrutou, treinou e apoiou movimentos marxistas e terceiro-mundistas em todo o nosso hemisfério. Hoje, estamos visando a rede que viabiliza e financia as operações subversivas e radicais de Cuba", declarou Rubio.

Adalberto Roque/AFP



Moradora de Havana checa o celular durante blecaute, no centro da capital cubana: apagões causados por bloqueio dos EUA

O chefe da diplomacia de Washington advertiu que qualquer indivíduo que prestar serviço aos agentes sancionados sofrerá sanções. "O governo Trump não tolerará mais regimes marxistas radicais em nosso hemisfério que buscam ameaçar a segurança nacional dos EUA e realizar operações de influência para exportar sua 'revolução' venenosa e maligna para o nosso país e para o mundo todo."

Além das sanções econômicas, o governo Trump anunciou, em 20 de maio, o indiciamento formal de Raúl Castro em um caso envolvendo a derubada de dois aviões de pequeno porte em 1996. Ex-diretor do Instituto de Investigações Cubanas da Universidade Internacional da Flórida, o antropólogo Jorge Duany afirmou ao **Correio** que as sanções a Miguel Díaz-Canel e a membros de sua família e do clã Castro inserem-se na política

de "máxima pressão" da Casa Branca na atual gestão republicana. "As novas sanções restringem viagens internacionais das pessoas afetadas, limitam seu acesso ao sistema financeiro estadunidense e congelam seus ativos sob jurisdição dos EUA", explicou. Apesar de reconhecer que as medidas terão um efeito simbólico, e que funcionários cubanos e familiares raramente possuem bens nos EUA, Duany as vê como o aumento

do isolamento financeiro do regime caribenho e o potencial de dificultar as relações comerciais de Cuba com outras nações. O especialista entende que as novas sanções fazem parte de uma intensa campanha dos Estados Unidos para asfixiar economicamente Havana. "Somadas a outras restrições dirigidas ao aparato militar da ilha, as medidas do Departamento do Tesouro pretendem penalizar a liderança cubana e forçar mudanças



Durante décadas, Cuba tem sido a capital mundial para o terrorismo da esquerda radical"

Marco Rubio, secretário de Estado americano

políticas e econômicas. Segundo o Departamento de Estado americano, as restrições visam terminar a campanha de décadas de guerra política, ideológica e institucional contra os EUA", acrescentou Duany. Ele disse ser prematuro avaliar os efeitos das sanções aplicadas a lideranças e a organizações do Estado cubano.

Estudioso sobre Cuba, Paolo Spadoni — professor do Departamento de Ciências Sociais da Augusta University (em Augusta, no estado americano da Geórgia) — considera as novas sanções importantes. "Elas sinalizam quais dirigentes cubanos não serão aceitos pelos Estados Unidos em uma hipotética transição política em Cuba. Em termos práticos, são menos significativas que as impostas ao conglomerado econômico-militar Gaesa", disse à reportagem. Ele lembrou que as medidas aplicadas à Gaesa surtem forte impacto na economia da ilha socialista, com o afastamento de investidores estrangeiros. "Algumas das cadeias hoteleiras que operam em Cuba, como a espanhola Meliá Hotels International e a canadense Blue Diamond, têm sido afetadas por essas sanções."

Colômbia desiste da Constituinte

Depois da derrota no primeiro turno das eleições presidenciais, o governo de Gustavo Petro desistiu de impulsionar uma Assembleia Nacional Constituinte e de promover reformas sociais e na luta contra a corrupção. Petro defendia a edição na Carta Magna como forma de impedir que os congressistas bloqueassem suas propostas de reforma socioeconômica. A oposição suspeitava de uma manobra do presidente esquerdista de tentar modificar a Constituição para buscar a reeleição.

"A decisão refletida nas últimas eleições (...) não permite a convocação da Constituinte", escreveu Petro, o primeiro presidente de esquerda da história do país, na rede social X. Durante as eleições do último domingo, o senador Iván Cepeda, candidato do oficialismo, foi surpreendido pelo ultradireitista Abelardo de la Espiella, que venceu e disputará o segundo turno em 21 de junho.

"A decisão de Petro está ligada a interesses políticos e,

pontualmente, eleitorais. O presidente sempre teve, dentro de suas bandeiras principais, a modificação da Constituição. De acordo com Petro, para instaurar reformas sociais que defende e tenta implementar", explicou ao **Correio** Andrés Macías Tolosa, professor da Faculdade de Finanças, Governo e Relações Internacionais da Universidad Externado de Colombia.

Segundo Tolosa, ante os resultados do primeiro turno, a

Gustavo Petro, presidente colombiano, queria mudar a Carta Magna para impulsionar reformas sociais

decisão de desistir da Constituinte tornou-se, basicamente, eleitoral. "Não me parece uma decisão associada a uma mudança ideológica do presidente", observou. "A equipe de campanha de Cepeda, candidato de Petro, aposta em uma posição menos radical, a fim de atrair votos do 'centro'. O especialista colombiano não acredita na necessidade de emendas à Constituição. "Nossa Carta Magna é jovem e tem em enorme

Luis Acosta/AFP



potencial. Certamente, foi manchada por manipulação política e pela exploração de certas brechas para beneficiar determinados

poderes políticos, mas não precisa ser reformulada. Ela pode ser ajustada por meio de reformas específicas", defendeu Tolosa. (RC)

GUERRAS

Israel ignora trégua e ataca o Líbano

O cessar-fogo entre Israel e Líbano, anunciado na quarta-feira, não durou 24 horas. Forças israelenses bombardearam o sul e o leste do território libanês, enquanto o governo de Benjamin Netanyahu anunciou que se reservava o direito de atacar Beirute. O Estado judeu garante ter o aval do presidente dos EUA, Donald Trump, para a ofensiva.

O movimento fundamentalista xiita Hezbollah — aliado histórico do Irã — rejeitou a trégua condicional e exigiu um cessar-fogo abrangente, além da retirada de todas as tropas de Israel do Líbano. "O cessar-fogo deve ser global (...) e sem a permissão para matar em nome do inimigo no Líbano", declarou o líder do Hezbollah, Naim Qasem, em uma mensagem transmitida pelo canal Al Manar.

Na quarta-feira, representantes do governo de Israel e do Líbano acordaram com o cessar-fogo condicionado à suspensão dos ataques do Hezbollah. O movimento xiita retiraria os seus combatentes de uma área ao sul do Rio Litani, a 30km ao norte da fronteira israelo-libanesa. A decisão

Abbas Fakh/AFP



Fumaça após bombardeio perto de Marjayoun, quase na fronteira

do Hezbollah foi comunicada a Nabih Berri, presidente do Parlamento e aliado da organização fundamentalista. O presidente do Líbano, Joseph Aoun, considerava a proposta de Israel como uma "última chance" de chegar a um cessar-fogo abrangente.

Nicholas Blanford — especialista em Hezbollah pelo Instituto Atlantic Council (em Beirute) — afirmou ao

Correio que há muita confusão em relação aos termos do cessar-fogo. "Normalmente, um cessar-fogo envolve a suspensão de ataques por ambos os lados. O que Israel fez foi deixar claro que manterá as operações no sul do Líbano. Isso significa que haverá um recuo militar se o Hezbollah cumprir com o cessar-fogo", explicou. Em tese, haveria um retorno

ao status quo visto em novembro de 2024, quando a trégua entrou em vigor. "Se a suspensão dos combates acontecerá, é uma questão de profecia. Mesmo que as forças israelenses não abandonem o sul do Líbano, elas teriam que parar com as incursões e ataques contra o Hezbollah."

Poderes em xeque

Na quarta-feira, Trump sofreu um revés no Congresso, com traição de parte da bancada republicana. Por 215 votos a favor e 208 contra, a Câmara dos Representantes aprovou resolução que limita os poderes do presidente de ordenar ataques ao Irã.

Trump reagiu à derrota com uma publicação na rede social Truth. "Quem faria uma coisa tão antipatriótica? (...) Os democratas são movidos pela Síndrome de Transtorno Obsessivo por Trump. Eles preferem que nosso país fracasse a me dar mais uma vitória, entre muitas. Os quatro republicanos, essa é outra história — são exibicionistas! Deveriam ter vergonha de si mesmos." (Rodrigo Craveiro)

"Ele pode vir a Moscou"

A carta incomum foi escrita pelo presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, e enviada ao arqu-inimigo Vladimir Putin. "A Ucrânia propõe pôr fim a esta guerra por meio de um compromisso direto entre o senhor e nós. Proponho uma reunião", afirmou Zelensky na mensagem. O líder ucraniano se disse "disposto a um cessar-fogo total enquanto durarem as negociações". A resposta do Kremlin foi recebida com ceticismo por especialistas de Kiev. Dmitry Peskov, porta-voz da Presidência da Rússia, assegurou que Zelensky tem as portas abertas para se reunir em Moscou com Putin "a qualquer momento".

"Zelensky pode vir a Moscou a qualquer momento", disse Peskov. Ele acrescentou que Putin não tinha visto a carta com o convite feito por Zelensky. A missiva do líder de Kiev, divulgada no site da Presidência da Ucrânia, marca uma das poucas ocasiões em que Zelensky se dirigiu diretamente a Putin desde 24 de fevereiro de 2022, quando a Rússia invadiu a ex-república soviética.

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade

de Kiev-Mohyla, explicou ao **Correio** que não é a primeira vez que Zelensky propõe uma reunião com Putin. "O governo ucraniano não acredita que Putin concordará com um cessar-fogo, pois isso foi discutido em muitas ocasiões. Pelo menos até que o presidente russo sinta que não consegue mais prosseguir com a guerra", comentou. Ele classifica como hipocrisia a sugestão do Kremlin para que Zelensky viaje a Moscou. "Zelensky deixou claro que um eventual encontro teria que ocorrer em um território neutro. Vejo alguns indícios de mudanças, com os ataques da Ucrânia a refinarias da cidade de São Petersburgo, na quarta-feira."

Peter Zalmayev — diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative (em Kiev) — disse à reportagem que o convite de Moscou é uma "baboseira". "Zelensky tenta levar a melhor nesse processo e mostrar aos europeus e a Trump que os ucranianos não se opõem a sentar-se à mesa de negociações. O presidente ucraniano sabe de antemão que Putin não participará de uma reunião unilateral." (RC)